



INCLUSÃO E AUTISMO: relato de caso sobre o trabalho com uma criança na educação infantil

DOI: 10.22289/2446-922X.V5N2A9

Maira Cristina Souza **Teixeira**¹
Danielle Ribeiro **Ganda**

RESUMO

A inclusão de crianças com necessidades educativas especiais - NEE, ou seja, que possuem deficiências físicas, intelectuais e transtornos de aprendizagem, dentro da escola regular é um direito assegurado por lei. A estas crianças, deve-se fornecer um ambiente e materiais adequados às suas necessidades, assim como ter a presença de um profissional apoio que visa acompanhá-los em sala de aula durante a realização das atividades pedagógicas. Dentre os distúrbios que mais cresceram nas últimas décadas, destaca-se o Transtorno do Espectro Autista - TEA, definido como um transtorno global do desenvolvimento cujos sintomas característicos são: atraso na linguagem, dificuldade de interação social, comportamentos estereotípicos, alta sensibilidade, seletividade, entre outros. O presente artigo tem o objetivo de apresentar um relato de caso sobre a inserção de uma criança com Transtorno do Espectro Autista no 1º e 2º período da Educação Infantil. O estudo visa também apresentar as atividades realizadas pela profissional-apoio e o impacto no desenvolvimento da criança autista. Observou-se que, por meio de práticas pedagógicas diferenciadas, o aluno apresentou maior socialização, mais autonomia e progresso em sua aprendizagem. O acompanhamento diário ao aluno revela o quanto é necessário um profissional apoio preparado, que busque alternativas criativas, lúdicas e adaptadas para facilitar a aprendizagem das crianças com TEA.

Palavras-chave: Inclusão; Práticas pedagógicas; Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

The inclusion of children with special educational needs, such as those with physical disabilities, intellectual disabilities and learning disabilities, within the regular school is a right guaranteed by law. These children should be provided with an environment and materials appropriate to their needs, as well as the presence of a professional support that aims to accompany them in the classroom during the pedagogical activities. Among the fastest growing disorders in recent decades, Autistic Spectrum Disorder (ASD) stands out, defined as a global developmental disorder whose characteristic symptoms are: language delay, difficulty in social interaction, stereotypic behaviors, high sensitivity, selectivity, among others. This paper aims to present a case report about the insertion of a child with Autistic Spectrum Disorder in the 1st and 2nd period of Early Childhood Education. The study also aims to present the activities performed by the

¹ Endereço eletrônico de contato: mairita.souza@outlook.com

Recebido em 23/11/2019. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 10/12/2019.



support professional and the impact on the development of autistic children. It was observed that, through different pedagogical practices, the student presented greater socialization, more autonomy and progress in their learning. The daily monitoring of the student reveals how much is necessary a prepared professional support that seeks creative, playful and adapted alternatives to facilitate the learning of children with ASD.

Keywords: Inclusion; Pedagogical practices; Autistic Spectrum Disorder.

1 INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno global do desenvolvimento que aparece nos três primeiros anos de vida, há alterações na região cortical no cérebro (parte externa) responsável pela fala, pela sociabilidade, conhecido também como TEA - Transtorno do Espectro Autista, tendo diferentes graus de intensidade: leve, moderado e severo (APA, 2002). Deve-se ressaltar que toda criança que apresenta característica autista apresenta características diversas, pois existe uma grande diferença de um autista para o outro.

Os estudos mostram que o autismo é maior no sexo masculino e não tem cura e sim tratamentos. As observações dos pais em relação ao comportamento são fundamentais para o diagnóstico, quando elas apresentam tais dificuldades verbais e não verbais, não brinca de faz de conta, os interesses são restritos, apresenta dificuldade nas interações sociais e não estabelece contato visual (KLIN, 2006). Ainda não se sabe exatamente qual é a origem do autismo, mais algumas possíveis causas são a genética e questões ambientais (Mendes, 2015).

Para a criança que tem autismo (TEA) é fundamental o convívio social, dando ênfase no meio escolar. A escola regular ou até mesmo escola de educação especial pode proporcionar a estes alunos a conviver com outras crianças da mesma idade, constituindo-se num espaço de aprendizagem, sendo satisfatórios os ganhos de desenvolvimento que a criança com TEA quando incluída no ensino comum (Sousa e col., 2015).

Quando se fala em incluir crianças com necessidades especiais é importante que haja a inserção. Tratando-se de educação no ensino regular a escola tem que estar preparada para os receberem na parte física/estrutural e pedagógica. De fato os professores manifestam a preocupação de como lidar caso tenha um aluno autista em sua classe, necessitam de mais orientações sobre o assunto, pois, por fatores pessoais sentem ansiedade e às vezes medo frente à sintomatologia mais do que as crianças em si (Locatelli & Santos, 2016; Surian, 2010). Tendo em vista esse ponto, deve-se ter um profissional apoio que acompanhe esse aluno em sala de aula.

Conforme elencado no art. 3º da Lei nº 12.764/2012, o profissional apoio é responsável pelas necessidades em sala de aula, adaptação de material e interação social. O fator principal é fazer com que todos que se encontram na classe participando, aprendendo, de maneira que



aquilo tenha sentido para criança que recebe a mediação do profissional apoio. Independente da dificuldade que ela tenha, é fazer que o aluno se contextualize dentro da realidade, idade, ambiente, sendo primordial que esse profissional ajude na autonomia desta criança (BRASIL, 2015; Mendes, 2015).

No que se refere ensino aprendizagem os educadores logo tem que se preocupar como será transmitido o conhecimento para seus alunos para que haja uma aprendizagem significativa que tenha de fato sentido aquilo que esta aprendendo. Desse modo, as práticas pedagógicas e a metodologia fazem toda a diferença. Com as crianças com TEA deve-se ter essa mesma preocupação, de maneira que para sejam práticas eficazes os professores devem ter o conhecimento de métodos para alunos autistas (Mendes, 2015).

O professor regente e o profissional apoio devem conhecer bem os gostos e interesses da criança, buscar formas que ele irá compreender melhor, lembrando que seu aluno pode ter grau leve, moderado ou severo. Por isso devem manter sempre o contato visual, estimular a comunicação com linguagem simples e clara, e mediar brincadeira entre o aluno autista com os demais alunos. Para isso pode usufruir de recursos como computadores, músicas, livros, jogos pedagógicos, esses recursos facilitam a aprendizagem (Cipriano & Almeida, 2016).

Um dos métodos mais utilizados que vão ajudar na aprendizagem de uma criança com TEA são, Análise Aplicada do Comportamento (ABA), a qual se utiliza da avaliação comportamental para ajudar, não só no comportamento, mas, para estabelecer a base que aprendizagem acontece. Outro é o método TEACCH que se utiliza de figuras e desenhos para tornar a aprendizagem mais acessível, com isso desenvolve a independência do autista, mesmo que necessite do auxílio do professor a criança tem que ser autônoma e com autistas não é diferente (Ibraim, 2013; Locatelli & Santos, 2016).

A Lei Brasileira de Inclusão no art.28 nº 13.146/2015 diz que os professores junto com a equipe pedagógica da escola e os demais profissionais que acompanham o aluno (psicólogo, terapeuta ocupacional, psicopedagogo, fonoaudiólogo) devem traçar um Planejamento Individual (BRASIL, 2015). Desse modo, deve-se ter um currículo adaptado, tomando o cuidado da questão inclusão importante que a educadora ou a profissional apoio estimule o aluno a realizar as mesmas atividades que os seus colegas, pois, assim possibilitará a troca de informações com os demais de sua classe. Caso o aluno não acompanha de fato a turma e não consegue realizar as mesmas atividades ai sim será a necessidade de adaptar (Sousa e col., 2015).

O objetivo geral da pesquisa foi fazer o relato de caso de inserção de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil. Mais especificamente: relatar o processo de inclusão de um aluno com Transtorno do Espectro Autista no 1º e 2º período da Educação Infantil; fazer um levantamento teórico das práticas pedagógicas a serem realizadas



com criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA); apresentar as atividades de desenvolvidas pela profissional-apoio durante o período de um ano e meio de trabalho.

Este trabalho foi feito para que os profissionais da Educação tenham conhecimento do Transtorno do Espectro Autista (TEA), incluindo suas características e diferentes níveis. Tem a função de conscientizar os leitores que quanto mais cedo o diagnóstico e uma intervenção adequada, melhor é o desenvolvimento da criança com (TEA), e demonstrar que todas são capazes de aprender, desde que bem estimulados, acompanhadas nos âmbitos pedagógico e emocional.

Deste modo, é necessário que haja um trabalho interprofissional (interdisciplinar) envolvendo pedagogos, profissionais apoio, neurologista, terapeuta ocupacional e entre outros para obter um resultado efetivo. Uma ênfase é saber que houve um aumento do número de crianças diagnosticadas com TEA, e com isso há a inclusão das crianças na Educação Infantil e Básica. Além disso, é de grande importância que todos saibam sobre o assunto a ser desenvolvido através de um relato de experiência positiva realizado com um aluno com Transtorno do Espectro Autista - nível 1.

Diante do exposto, o presente trabalho guiou-se pela seguinte questão: Quais são as práticas pedagógicas mais adequadas para a inclusão do aluno com (TEA) na Educação Infantil? Tendo como base a literatura sobre o tema e a experiência prática afirma-se que há atividades pedagógicas que favorecem a inclusão e o processo de desenvolvimento e aprendizagem de crianças com (TEA). Acredita-se também que profissionais-apoio necessitam ter preparo técnico para intervir de maneira a favorecer a autonomia e a socialização das crianças.

2 METODOLOGIA

Para esse fim, foi feito um relato de caso de um aluno, com o nome fictício de Eduardo, que já se encontra diagnosticado com Autismo - nível 1. O acompanhamento do aluno ocorreu entre 2017 e 2018, período esse que tinha de 4 a 5 anos de idade. A mãe da criança autorizou a escrita do relato de caso, mediante a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi garantido que os dados pessoais do aluno e de sua família seriam mantidos em total sigilo, de tal modo que os nomes descritos no trabalho são fictícios.

Este relato faz parte da produção resultante do Projeto de Pesquisa "Relatos de casos e relatos de experiência: a prática desenvolvida no CEPPACE do DPGPSI/FPM. Submetido a apreciação ética do Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos da Faculdade Patos de Minas - FPM, CAEE: 92972318.0.0000.8078, tendo como instituição proponente a Associação Educacional de Patos de Minas, mantenedora da Faculdade Patos de Minas, sob parecer de aprovação número: 2.758.999, de 06 de julho de 2018.



Os familiares são de classe média e estão presentes no desenvolvimento e acompanhamento do aluno. Na escola, a criança recebe o acompanhamento do profissional-apoio, pela prefeitura para o trabalho específico direcionado somente a este. Além do atendimento recebido dentro da APAE por profissionais da área de psicologia e fonoaudiologia e acompanhamento com neuropediatra em centro de saúde na cidade de Patos de Minas. O trabalho também contará com levantamento bibliográfico sobre o tema em livros, artigos e *sites* especializados da área da Educação e da Psicologia.

3 RELATO DE CASO

O presente relato será realizado em primeira pessoa, segundo a experiência da 1ª autora do artigo. Vou abordar a trajetória de um aluno que, com quatro anos de idade, recebeu o diagnóstico de Autismo (TEA) – Nível 1. Durante o trabalho fui estudante de pedagogia na instituição FPM e profissional-apoio, contratada como estagiária pela prefeitura de minha cidade, Carmo do Paranaíba - MG.

Minha iniciação começou com a necessidade de um emprego, e queria muito conseguir na área da educação em uma escola pública. A mãe de um aluno ao ter conhecimento que seu filho de quatro anos tinha laudo de autismo, diagnosticado por um neuropediatra, revogou os seus direitos, principalmente solicitando auxílio para o filho dentro da sala de aula. Depois da procura daquela mãe na secretaria de educação da cidade fui chamada e destinada para auxiliar o aluno em sua sala, quando me falaram que ele tinha autismo.

Durante uma semana pesquisei sobre o autismo, o que era, como trabalhar dentro da sala e dentre outros, vi vídeos, li artigos de revistas que professores me indicavam. No dia 07 de agosto de 2017 foi o dia do primeiro contato com o “meu aluno”, havendo a preocupação se ele iria me aceitar ou não. Tendo como base os estudos e as pesquisas, soube me aproximar dele de imediato. Quando cheguei à escola lá estava ele chorando no portão de entrada e a tia Berna, que era a sua referência desde o início do ano. Então olhei para ele e disse “Oi!”. Ele parou de chorar e encostou a sua mão em meu rosto e eu ainda não sabia que ele seria o “meu aluno”. Fui bem acolhida pela equipe da escola. A diretora juntamente com a professora e a supervisora me apresentaram para ele. Desde então, Eduardo começou a confiar em mim e me teve como referência. Digo, quando há confiança e efetividade as coisas acontecem de maneira prazerosa.

O aluno não conseguia fazer fila na entrada, pois o barulho do sino o incomodava, não entrava na sala e quando entrava ficava sentado no chão de baixo da mesa ou andando na sala em círculos empurrando sua pasta de rodas. Fazia toda necessidades fisiológicas na roupa ou no jardim da escola. No recreio ficava só dentro da sala e pouco comunicação visual e verbal. A partir da 1ª semana observei todos os comportamentos dele. Não me assustei, pois apesar de



tudo era uma criança calma e amorosa. Despertou em mim a vontade de ajudar de todas as formas aquela criança. A mãe foi até a escola para me conhecer, quando aproveitei a oportunidade e perguntei coisas que poderiam facilitar o meu trabalho com ele. Ela foi prestativa e ajudou no que foi possível. A professora regente me acolheu muito bem, apoiando e dando sugestões em minhas decisões pedagógicas para com ele.

Comecei o ensinar desde a base de tudo, pois tinha quatro anos. No início dei prioridade de organizar uma rotina e combinados de forma clara, objetiva, de modo que ele entendesse. A mesa sempre ficava nos primeiros lugares com o nome e a foto dele. Apresentei para ele à mesa, a cadeira e expliquei que aquele lugar era para ele, onde tinha todos os comandos impressos em imagens para que ele compreendesse melhor. Depois com a autorização da professora apresentei tudo o que tinha na escola. Por exemplo, fomos ao banheiro, expliquei o que tinha e o que poderia fazer lá e sempre mostrando plaquinhas como referência e esse processo foram feitos em todas as partes da escola.

Após 15 dias ele começou a sentar e usar o banheiro. Fiquei feliz por esta conquista dele e dei um prêmio de motivação. A partir disso o aluno passou a fazer fila, entrar na sala, sentar e ir ao banheiro, processo que aconteceu gradativamente. Percebi que ele tinha hipersensibilidade auditiva, o que é comum em crianças autistas. Devido a isso comecei a trabalhar os sentidos com ele, dando ênfase maior na audição. Trabalhei o som dos animais, barulho do trânsito, o som de ambientes calmos, usando a discriminação auditiva, mas sempre respeitando seu próprio limite e o elogiando. Assim despertava o interesse quando fosse repetir essa atividade, lembrando que se aprende por meio da repetição e com alunos autistas não é diferente.

Meu intuito junto com a professora e os outros era de que ele tivesse o interesse em aprender no tempo dele, do mesmo jeito que os colegas mais com adaptações. Um olhar atento de um professor pode mudar tudo não só com o aluno de inclusão, mas para com todos. E assim, depois de um mês de adaptação, ensinando o básico no âmbito escolar com muito entusiasmo ele estava desenvolvendo bem e se descobrindo. Ensinei-o a pegar no lápis depois de muitas atividades de coordenação motora fina (rasgar papel, fazer bolinhas, fazer rabiscos com o giz de cera, colocar canudinho cortado no barbante) dentre outras, e sempre sentava de frente a ele e colocava objetos na frente do meu nariz assim conseguia que ele olhasse. Cada tentativa de atividades que eu preparava de acordo com o planejamento da professora, ele sempre gostava, o que foi gerando interesse em aprender e de uma maneira significativa.

Por minha fala ser objetiva o desenvolvimento da fala e a audição foi melhorando, até a ecolalia melhorou. Ecolalia que é a repetição da fala palavras ou sons, movimentos repetitivos aconteciam quando algo o incomodava (Mergl & Azoni, 2015). Eu então o tirava daquele lugar que ele não estava se sentindo bem antes de alguma crise; pedia para que ele respirasse se acalmasse; não o tocava, pois isso o deixava mais agitado e nervoso com a situação. No



decorrer, o aluno demonstrou medo e fobia ao ver homens com chapéu, pois o medo real é do barulho das maquinas. Até o barulho do besouro o incomoda e trazia medo, pois ele associava os sons.

Continuando o ensino e aprendizagem quando eu e Eduardo fomos descobrindo um universo divertido e mágico, fui ensinando as letras, os números, a escrever o nome próprio com o método TEACH. Naquele momento o ensinar com materiais concretos fez toda a diferença. Como ele é um menino esforçado e inteligente absorveu todo o conhecimento passado pela professora regente e retransmitidos por mim. E assim fechamos o ano de 2017 felizes e orgulhosos por sua evolução.

O ano de 2018 chegou e mais uma vez eu acompanhei o aluno Eduardo que então estava com cinco anos. Neste ano teve a mudança de professora e foi pedido que eu acompanhasse também seu primo que tem laudo de retardo mental moderado. Os cinco primeiros meses de aula foram conturbados. Foi difícil adaptação para mim, pois cada um era diferente. Eu estava sempre procurando meios e soluções para melhor ensiná-los, mas o Eduardo acabou sendo prejudicado. Conforme descrito pelo médico neurologista, naqueles meses Eduardo regrediu não no sentido da aprendizagem, mas no aspecto emocional que enfim refletiu na aprendizagem de forma negativa. Ele começou a ficar mais disperso, mostrou maior desinteresse para fazer as atividades e apresentou ansiedade.

Foi então que tive a preocupação de entender o que estava acontecendo, tomei iniciativa fui a psicóloga a que o acompanha na APAE da cidade para contar o que estava acontecendo em sala de aula, pedi sugestões para melhorar a forma de lidar com os dois alunos com diferentes laudos, ressalvo que sou estudante e pesquisando sempre em busca de aprender para ensinar melhor, foi muita luta e persistência. Comecei a mudar minha postura em sala antes sentavam juntos, mas separei, pois cada um gastava um tempo diferente para fazer a atividade proposta pela professora regente. Não tinha como ensinar duas crianças que exigem tamanha atenção e cuidados particulares, pois cada aluno é um ser único. Para ajudar o Eduardo a entender essas mudanças levei a caixa dos sentimentos e emoções assim ficaria mais fácil ele se expressar. A caixa facilitou muito a forma de tratá-lo e ajudou a compreender as mudanças de humor que tinha, criando uma conexão entre nós.

A pessoa com TEA, independente do grau, tem a capacidade de aprender, motivo pelo qual sempre acreditei nos avanços do Eduardo. Quando há o diagnóstico precoce, a criança terá um atendimento com vários profissionais que também o auxiliarão. Com estimulação e acompanhamento adequados a criança se desenvolverá melhor e, principalmente se for de grau leve, poderá alcançar maior autonomia e independência até mesmo na adolescência.

Conversei com a mãe de Eduardo e tive uma conversa sobre as coisas que ele gosta quando está em casa e como gostava de interagir com outras crianças que fora do âmbito



escolar. Essa conversa foi de grande importância porque pude conhecê-lo ainda mais. Em 2018, ele se mostrou mais desenvolvido, com um nível de aprendizagem para além da idade que se encontrava. Ele aprendeu a identificar o alfabeto, a escrever aquilo que se pede, a reconhece os números e as quantidades, além de ler as sílabas e as palavras sem pistas de imagem.

Por fim, passei a trabalhar com ele a coordenação motora fina, grossa e ampla, lateralidade (rolar, correr, pular, esquerda, direita, firmeza na mão ao escrever) meio social (sentar com os colegas no recreio, brincar e compartilhar brinquedos). Quando iniciei o trabalho com o Eduardo em 2017 ela não tinha interesse social, como exemplo vontade de participar em apresentações festivas e ou em atividades dentro de sala de aula. Ao final do trabalho ele tornou-se um garoto sociável, que muito me alegra e orgulha. Ele lê livros para toda a turma, interage quando a professora faz uma pergunta à ele e já sente bem em fazer apresentações festivas.

4 SUGESTÕES PARA PAIS E PROFESSORES

A partir da experiência que vivi e das ações que planejei a partir de meus conhecimentos como estudante de pedagogia e profissional-apoio, descrevo a seguir algumas sugestões para auxiliar as crianças autistas em casa ou na escola.

1. Quando a criança não demonstra interesse no conteúdo que está sendo ensinado, devem-se buscar saber quais são as suas preferências particulares. Procure saber do que a criança gosta, pois isso lhe ajudará a criar atividades que lhe despertem a motivação.

2. A criança autista tem dificuldade em expressar seus sentimentos e entender as expressões faciais dos adultos (ex: zangado, triste, feliz). É importante fazer plaquinhas das expressões faciais, pois isso facilitará o entendimento da criança sobre como ela mesma e os outros estão se sentindo. Com o tempo, progressivamente, ela poderá aprender a se expressar melhor.

3. Quando a criança não consegue se expressar ou ser compreendida pelos outros, aqueles que estiverem ao seu lado (pais, professores) devem ficar atentos, pois essa dificuldade pode desencadear uma crise, que é diferente de birra. Há crianças autistas que não verbalizam e não conseguem indicar (ex: apontar, buscar) o que desejam. Assim, geralmente expressam o seu querer algo através do choro, do grito e dos movimentos bruscos de mãos e braços. O que não significa que a criança seja mal educada. Nessa situação é essencial que se espere a criança acalmar ou dê algo que ela goste para tirar o foco e diga *“Eu entendo você. Está tudo bem!”*.

4. Uma dica muito importante é o estabelecimento de uma rotina diária, que ajudará a evitar crises e diminuirá a ansiedade da criança autista. Em casa deve ter uma rotina das atividades que será realizada naquele dia ou semana, podendo-se utilizar de um calendário colorido e interativo. Na escola deve-se fazer o mesmo. É necessário explicar, antecipar para a



criança o que vai acontecer e o que ela irá fazer, buscando-se sempre trabalhar com material visual (colorido, cheio de figuras) que desperte o interesse e ajude-a a entender. Pode-se, por exemplo, fazer o relógio da rotina com cores diferenciadas para cada período do dia.

5. A criança com TEA tem dificuldade em manter o olhar fixo na pessoa que está falando com ela. Por isso, para desenvolver esta habilidade, é importante que se faça brincadeiras com ela como, por exemplo: “Esconde – esconde”; “Cadê você? Achou você!”, “Bolha de sabão”, “Pega a bola”, entre outras. Em casa ou na sala de aula os pais ou professores devem de frente para a criança, pegar um brinquedo ou um lápis decorado que ela goste e contar três segundos em direção aos olhos e então entregar para ela. Na medida em que ela for conseguindo fixar o olhar por três segundos, vá mudando as estratégias. Pode-se então dizer a ela que se conseguir te olhar por tantos segundos ela ganhará algo, dando assim um reforço positivo para cada conquista.

6. Algumas crianças têm resistência à tocar certos materiais (ex: areia, tinta), demonstrando muita sensibilidade à texturas diferentes. Assim, é importante trabalhar o lado sensorial tátil do autista. Podem-se arrumar estratégias que auxiliem esta criança como, por exemplo, ir aos poucos, fazendo com ela toque nas partes menos sensíveis de seu corpo. Assim, se ela é resistente em colocar a mão na tinta, utilize o pincel; Se ela não consegue por os pés na areia tente colocar só as mãozinhas; e assim por diante, até que ela vá superando a sua resistência.

7. Outro ponto fundamental é o de se trabalhar com o concreto e o lúdico com crianças autistas. Elas demonstram maior compreensão do que lhes é ensinado e maior interesse, o que leva à melhor aprendizagem e desempenho escolar mais eficaz. Por exemplo, ao se fazer uma “Contação de história” é fundamental que não se faça apenas a leitura oral, mas também que se utilizem fantoches, imagens, músicas etc.

8. É importante fazer um elogio diante de cada conquista da criança, pois isso lhe ajudará a se sentir capaz, valorizada e com vontade de realizar a atividade novamente.

9. Ao realizar os deveres em casa ou atividades em sala, divida a tarefa em partes menores, pois assim a criança não se cansará, conseguirá manter a atenção por mais tempo e conseguirá realizar toda a atividade ou o dever.

10. Ao falar com a criança autista, use frases curtas e objetivas que sejam de fácil entendimento. Exemplo: Ao invés de dizer, “Será que você poderia, por favor, pegar o lápis que está em cima da mesa para mim?”, deve-se dizer: “Pegue o lápis em cima da mesa, por favor!”

11. Em sala de aula é importante ter brinquedos sensoriais e/ou pedagógicos, para que quando a criança terminar a atividade proposta ele possa manusear o material dado sem dispersar sua atenção. Comece permitindo que a criança brinque por cinco minutos entre uma atividade pedagógica e outra e, aos poucos, vá diminuindo o tempo até que a criança entenda



que naquele período é hora de esperar para a próxima atividade em seu lugar, sem ansiedade ou agitação em sala.

12. O desenvolvimento da autonomia é fundamental para a formação da autoestima. Portanto, os pais podem estimular os filhos a ajudarem nas tarefas da casa. Na escola, a professora pedir que os alunos a auxiliem sendo o ajudante do dia, pegando material, dando algum recado etc. Deve-se ressaltar que ao pedir algo à uma criança autista use linguagem clara, com frases curtas e objetivas, pedindo inicialmente algo simples de ser executado e aumentando aos poucos a dificuldade, pois assim ele atingirá o objetivo.

13. Para se fazer a inclusão e não a exclusão dos alunos com TEA ou outra qualquer outro transtorno ou síndrome, os professores devem apresentar a criança para os demais alunos da sala, explicar o que ele tem e nomear duas crianças por dia para brincar com ele e ajudá-lo na socialização. Deve-se tomar cuidado para que a outra criança não se sinta obrigada, mas sim que sinta prazer e alegria em ajudar o colega com dificuldades. Deve-se também orientar que a turma tenha paciência e faça silêncio nos momentos em que o colega autista estiver mais agitado e que chame a professora caso perceba que ele está em crise ou em perigo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o trabalho de um ano e meio realizado por mim como profissional apoio foi possível observar um considerável desenvolvimento do aluno autista. Por meio de práticas pedagógicas diferenciadas, a criança tem apresentado uma maior socialização, mais autonomia e progresso em sua aprendizagem. O acompanhamento diário ao aluno revelou o quanto é necessário um profissional apoio preparado, que busque alternativas criativas, lúdicas e adaptadas para facilitar a aprendizagem das crianças com o transtorno.

Além disso, observou-se a importância de se criar relações afetivamente significativas e positivas com o aluno autista, uma vez que o profissional apoio é o seu mediador na escola regular de ensino. Esse educador é responsável por transmitir o conhecimento de forma que o aluno entenda, favorecendo a sua confiança, autonomia e interação social que são primordiais para o seu desenvolvimento geral.

Por fim, deve-se destacar que cada criança autista é diferente e que, portanto, faz-se necessário conhecer as suas particularidades, a sua personalidade, o que facilitará a comunicação e o trabalho com os mesmos.



6 REFERÊNCIAS

- APA. American Psychiatric Association DSM-IV. (2002). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Porto Alegre: ARTMED.
- BRASIL. Ministério da Saúde. (2015). *Linha de cuidado para a atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS*. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Brasília-DF.
- Cipriano, M. S.; & Almeida, M. T. P. (2016). O brincar como intervenção no transtorno do espectro do autismo. *Extensão em Ação* 2(11), 78-91.
- Ibraim, L. F. (2013). Avaliação neuropsicológica para Síndrome de Asperger e Transtorno do Espectro Autista de alto funcionamento. Em: W. C. Júnior (Org.). *Síndrome de Asperger e outros transtornos do espectro do autismo de alto funcionamento: da avaliação ao tratamento*. Belo Horizonte: Artesã, pp. 125-151.
- Klin, A. (2006). *Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral*. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28(1), 3-11.
- Locatelli, P. B.; & Santos, M. F. R. (2016). Autismo: propostas de intervenção. *Revista Transformar*, 8, 203-220.
- Mendes, M. A. S. (2015). *A importância da ludicidade no desenvolvimento de crianças autistas*. Monografia, Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Universidade de Brasília – UNB, Brasília.
- Mergl, M.; & Azoni, C. A. S. (2015). Tipo de ecolalia em crianças com transtorno do espectro autista. *Revista CEFAC*, 17(6), 2072-2080.
- Sousa, L. L. L.; Pinheiro, T. S.; Costa, H. M.; Moura, C. S.; & Vieira, M. D. S. (2015). *Os desafios da inclusão de alunos autistas nas escolas públicas da cidade de picos*. Anais do Colóquio Internacional. Educação, Cidadania e Exclusão: Didática e Avaliação. Rio de Janeiro.
- Surian, L. (2010). *Autismo: informações essenciais para familiares, educadores e profissionais de saúde*. São Paulo: Paulinas, 2010.